

AS CRUZADAS E O REINO CRISTÃO ARMÊNIO DA CILÍCIA

*Lincoln ETCHEBÉHÈRE-Júnior**
*Thiago Pereira de Sousa LEPINSKI***

Resumo: O surgimento das Cruzadas, do Reino Cristão Armênio da Cilícia e dos Estados Francos no Oriente Próximo ocorreram numa mesma época, viveram intimamente ligados entre si, ora socorrendo-se mutuamente, ora adversários entre si. Porém, possuíam um inimigo comum que os fustigava constantemente, o Islão, que no ímpeto expansionista destruiu os Estados francos, armênio e as províncias da Ásia Menor do Império Bizantino. Os Estados francos sucumbiram, juntamente, com o Reino Armênio da Cilícia, entretanto, este deixou uma população no Império Turco que manteve sua fé e a cultura, cuja fidelidade deu origem ao *Genocídio Armênio* no início do século XX.

Unitermos: Cruzadas, Cilícia, Islão, Cristandade, Armênia

Abstract: The emergence of the Crusades, the Christian Armenian Kingdom of Cilicia and of the Franks in the Middle East occurred in the same season, lived closely connected, sometimes they help themselves, now adversaries together. However, had a common enemy that constantly whipped, Islam, that the momentum expansion destroyed Member Franks, and the Armenian provinces of Asia Minor from the Byzantine Empire. Member Franks perished along with the Armenian Kingdom of Cilicia, however, this left a population in the Turkish Empire which kept their faith and culture, whose loyalty has led to the Armenian genocide at the beginning of the twentieth century.

Keywords: Crusades, Cilicia, Islam, Christianity, Armenia

* Doutor em História pela USP, Professor do Mestrado interdisciplinar em Educação, Administração e Comunicação da Universidade São Marcos, São Paulo-SP. lincoln.e.jr@hotmail.com

** Bacharel em Direito pela USP, Especialização em Direito Empresarial e Mercado de Capitais, Escola Superior de Advocacia de São Paulo-SP. thiago.lepinski@gmail.com

1 Introdução

As Cruzadas foram expedições surgidas na Europa, a partir do século XI, contra o mundo muçulmano do Oriente, inicialmente dentro de uma mística coletiva com o grito de *Deus lo volt* (Deus o quer), posteriormente, como com ideais de liberdade, nacionalidade e justiça social. O elemento ideológico místico nunca desapareceu, porém, após a conquista, surgiu a *colonização* e, com ela, o Oriente Latino dos francos, responsável, em parte, pela existência do Reino Cristão Armênio da Cilícia. O místico das cruzadas e a colonização se completaram, pois sem o espiritual não haveria a *colonização*, o surgimento dos Estados Latinos e a existência do Reino Cristão da Armênia da Cilícia (GROUSSET, 1965, p. 21-26). A Cristandade respondeu ao Islã com uma guerra santa geral, podendo-se afirmar que a cruzada igualou-se ao *djihad*, ou seja, que ela foi uma *contra-djihad* (GROUSSET, 1965, p.21).

A luta da Cristandade Medieval contra o Islã remonta a 711-718, quando a Espanha visigótica foi conquistada quase que completamente pelos árabes, escapando da ocupação as regiões da Galícia, Astúrias e vales do Pirineus. No século seguinte, os árabes da Tunísia ocuparam a Sicília, então em poder dos bizantinos; posteriormente, ocuparam Bari e Tarento, já em território peninsular itálico. A reação cristã não se fez esperar e as conquistadas foram retomadas pelos carolíngios e bizantinos. A Sicília foi finalmente conquistada pelos normandos, sob a chefia de Rogério Guiscardo, que se tornou Conde da Sicília e arrebatou também aos árabes, século XI, a ilha de Malta.

Gênova e Veneza, repúblicas italianas que constituíam verdadeira talassocracia, devido à pirataria árabe, foram obrigadas a entrar nesta luta contra os árabes na região mediterrânea. A reação das cidades italianas foi responsável pela conquista da Sardenha, quando os italianos passaram a pilhar cidades árabes do norte africano.

A Reconquista cristã na Espanha começara e tomara caráter internacional, pois nobres franceses passaram a integrar o movimento, atendendo ao pedido do papa Alexandre II, acarretando, assim, antes de Clermont (1095), o surgimento, da idéia de Cruzada (GROUSSET, 1965, p.21), que se concretizou quando os seldjúcidas após tomarem aos bizantinos a Ásia Menor, tornaram difícil aos peregrinos cristãos o acesso aos Lugares Santos (SOURDEL, 1949, p.29).

2 Primeira cruzada

A pregação do concílio de Clermont pelo papa Urbano II, com sua ideologia mística, alcançou primeiramente as multidões, dando origem então à cruzada popular liderada por Pedro, o Eremita, e por Gualter Sem-Haveres. Indisciplinados, desorganizados, responsáveis por saques em seu caminho ao Oriente, sofreram a represália dos bizantinos e foram massacrados na Ásia pelos turcos (1096).

A cruzada dos barões foi chefiada pelo legado pontifício Ademar de Monteil, bispo de Puy, até sua morte em Antioquia (1098). Estavam distribuídos em quatro grupos: o primeiro era chefiado por Godofredo de Bulhão, Balduino de Bolonha; o segundo, por Boemundo de Tarento; o terceiro chefiado por Raimundo de Saint Gilles; e o quarto, chefiado por Roberto, Bota Curta, conde da Normandia, e o conde de Flandres. Firmou-se um acordo com o imperador bizantino, Aléxis Comneno (1097), de que o território do seu império, dominado pelos turcos seldjúcidas e conquistado pelos cruzados, seria devolvido ao Império Bizantino, portanto, à volta ao helenismo, representado por Constantinopla. Esse era um dos objetivos do papa Urbano II. Como consequência a tomada de Nicéia pelos cruzados obrigou se aos vencedores a cumprir o acordo, além de outras cidades que também foram conquistadas e colocadas sob a suserania do imperador Aléxis Comneno. A vitória dos cruzados foi facilitada pela fraqueza interna dos turcos seldjúcidas.

Após as primeiras vitórias, marcharam os cruzados em direção ao Antitauro e região de Marach, onde foram auxiliados pelos armênios da Cilícia, que viram neles seus irmãos de fé em luta contra o Islã. Naquela região os armênios constituíram o Reino Cristão da Cilícia, que foi de incontestável valia para os cruzados, que eram os portadores da presença cristã no Levante e significavam muito para o desenvolvimento e consolidação da Nova Armênia no mundo islamizado. Os Estados Latinos criados pelos cruzados favoreceram a segurança e a consolidação do recém criado Estado Cristão Armênio da Cilícia e ainda livraram-no do isolamento com o Ocidente, quer no plano religioso, quer no econômico, quer no cultural (SAPSEZIAN, 1988, p.52).

3 O Reino Cristão Armênio da Cilícia

O Reino da Armênia da Cilícia surgiu após o desaparecimento do Reino da Armênia, também conhecido por Grande Armênia, destruída pelos turcos seldjúcidas, posteriormente, pelos mongóis e, finalmente, no século XVI, foi dominada pelos turcos otomanos (ALEM, 1961, p. 34). A queda da Armênia foi um desastre para a Cristandade, pois era um baluarte cristão que dava cobertura ao Império Bizantino nas proximidades do Império Persa e, posteriormente, contra os turcos seldjúcidas.

As divergências internas do Império Bizantino, principalmente entre os pretendentes ao trono, facilitaram a penetração dos seldjúcidas, que ocuparam quase toda a Ásia Menor, chegando mesmo às portas de Nicéia e Esmirna. Entretanto, Antioquia da Síria e Edessa resistiam aos invasores (GROUSSET, 1965, p.15-17).

Neste contexto, a Grande Armênia politicamente desapareceu, porém, o seu povo continuou a existir. A ocupação da Armênia pelos turcos levou um aventureiro armênio, de nome Filaretos, entre 1071 e 1084, a ter a sua autoridade reconhecida em Marash, Edessa, Antioquia e Cilícia. Porém, veio a sucumbir com o avanço dos turcos. Alguns chefes armênios conseguiram manter-se em Edessa, Melite (Malatia) e no Tauro (GROUSSET, 1965, p.17). Na Grande Armênia uma parte do povo, juntamente, com o príncipe Ruben, da dinastia bagrátida, migraram para a Cilícia; outros armênios refugiaram-se na Moldávia, na Hungria e na Polônia, constituindo-se, talvez como a mais importante das grandes migrações armênias. Na Cilícia já existia uma colônia armênia, então vassala do Império Bizantino, que fundou um principado junto ao burgo de Bartzerbert. Este foi o núcleo inicial do Estado Armênio da Cilícia com uma nova dinastia (a rubeniana) e os primeiros soberanos usaram o título de *baron*, emprestado da nobreza ocidental, visto que o surgimento do Reino da Cilícia coincidiu com o início das Cruzadas. Constantino, filho de Ruben, viu a chegada dos primeiros cruzados e ofereceu apoio aos seus irmãos de fé, tendo participado do cerco de Antioquia. Iniciaram-se as alianças familiares entre armênios e francos (ALEM, 1961, p.35). O estabelecimento de um povo, formado de belicosos senhores feudais e robustos camponeses, na Cilícia, próximos da Síria, constituiu uma força de prestadores de imensos serviços aos Estados Latinos do Oriente, pois sempre foram aliados dos seus irmãos de fé do Ocidente (GROUSSET, 1965, p. 86).

Os *barões* armênios com sua importância junto aos cruzados e ao Império Bizantino tornaram-se reis da Cilícia. O príncipe Leão II, o Magnífico, pelo seu auxílio prestado ao imperador Frederico Barba-Roxa na sua luta contra Salah Eddin, que destruíra o reino latino de Jerusalém, recebeu dos soberanos do Ocidente e do papa Celestino III a dignidade real, sendo coroado em Santa Sofia de Tarso (1199) pelo cardeal Conrado de Wittelsbach, como recompensa por seus préstimos aos Cruzados, neste ato, simbolizando que a Armênia escapava a influência bizantina. Coroação, posteriormente, também reconhecida pelo imperador bizantino. Foi o período áureo do país: o soberano deu-lhe uma organização econômica, beneficiou-as das instituições latinas e transformou Sis, sua nova capital, numa cidade florescente. Faleceu e deixou como herdeira sua filha Zabel que se casou com Hetum, surgindo assim uma nova dinastia.

Os Estados Latinos fundados pelos cruzados, aliados dos armênios, sofriam ataques dos mamelucos. Estes, juntamente, com turcos atacavam ao Reino da Cilícia.

O rei Hetum não podendo contar com a ajuda de seus aliados, buscou-a junto aos mongóis. Os mongóis eram mais hostis aos muçulmanos do que aos cristãos, pois havia tribos mongóis convertidas ao cristianismo nestoriano, oriundo da Pérsia¹. Entre eles pode-se citar Kitbuga, que tomou Damasco em 1260. O rei Hetum abalou-se até Caracorum (1253) e concluiu uma aliança com Ogstai-Cã, neto de Gengis-Cã (ALÉM, 1961, p. 36; BOURNOUTIAN, 2003, p. 107)). A aproximação se fez presente quando o soberano armênio declarou-se vassalo do Grão-Cã Mongca (1254) e nomeou o condestável Semblat (1247) seu embaixador junto ao soberano. O Cã Hulegu, irmão de Mongca, juntamente com o rei Hetum, destruíram o califado de Bagdá (1258), considerada a Santa Sé muçulmana. Continuando a sua luta, tomaram Alepo e Damasco, onde as mesquitas foram transformadas em igrejas². Os terríveis mongóis surgiram assim como os vingadores da Cristandade oprimida pelos muçulmanos, que surgidos do fundo do deserto de Gobi devastariam os inimigos da fé. Em Bagdá a princesa Dekuzhatun, nestoriana devota, esposa do Gengiskânida, concedia aos cristãos um regime de favor e a eles os associava a vitória (ARTZROUNI, 1976, p.253). A derrota mongólica pelos mamelucos do Egito (1260) ocasionou o saque das cidades cilicianas pelo sultão Baibars (1266). Os cruzados, porém, não aceitaram o conselho do rei armênio para firmar uma aliança com os mongóis, pois era uma oportunidade de sua conversão ao Cristianismo. A recusa dos cruzados em aliar-se aos mongóis e constituir uma aliança anti-islâmica ocasionou a conversão da maior parte dos mongóis ao Islamismo, fator que auxiliou a destruição dos Estados Latinos do Oriente, ocasionando assim as razias dos mamelucos aos Estados Francos e ao Reino da Cilícia (BOURNOUTIAN, 2003, p. 107). Os mamelucos, em 1322 saquearam o porto de Aias, seu grande centro comercial e forte concorrente de Alexandria do Egito. Os armênios sem o auxílio dos mongóis buscaram-no aos francos. O rei Ochim (1320-1341), diante da realidade, mais se aproximou aos francos, pois já era casado com a filha do rei de Chipre³, Hugo III. Em 1342 extinguiu-se a dinastia hetumiana por falta de um filho varão. Os Lusignan, que já reinavam em Chipre, tornaram-se reis também da Cilícia.

¹ O Nestorianismo, heresia pregada por Nestório patriarca de Constantinopla, afirmava existir em Jesus Cristo duas pessoas e duas naturezas. Foi condenado no concílio de Éfeso (431). O zelo dos seus missionários o levou em 636 à China, como comprova uma inscrição de 781, encontrada pelos jesuítas em 1625 em Si-Ngan-Fu (FUNK, 1924, p.96). É provável que o sacerdote laballah tivesse levado o Cristianismo até a China em 636 (ALZOG, 1882, p. 289). Em 1289, Giovanni de Montecorvino viajou até a China com uma carta para o catolicós laballah III (1281-1317), de origem mongólica. Esteve o enviado pontifício em contacto com comunidades nestorianas da China (*Oriente Cattolica*, 1962, p. 362).

² O avanço dos mongóis no mundo islâmico e suas vitórias chegaram também ao mundo cristão do Ocidente. Renasceu a lenda do Preste João das Índias, poderoso soberano cristão do Oriente, que buscava aliança com o Ocidente numa cruzada anti-islâmica (MAURICIO, 1960, P. 222-3).

³ Ricardo Coração de Leão, rei da Inglaterra, durante a terceira cruzada (1191), conquistou aos bizantinos a ilha de Chipre. No ano seguinte, a ilha foi cedida ao ex-rei de Jerusalém, Guy de Lusignan, juntamente com os francos, expulsos do Oriente pelo sultão Saladino. O reino de Chipre foi conquistado em 1571 pelos turcos otomanos (GROUSSET, R., 1965, p.76,81).

4 A Dinastia Lusignan

O rei Guy de Lusignan (1342-1344) desejou a união da Igreja Apostólica Armênia com a Igreja Católica Apostólica Romana. A fidelidade dos armênios à Igreja Nacional ocasionou o assassinato do rei pelos barões armênios (1344). Ascendeu ao trono Constantino IV, que, apesar de sua fidelidade às tradições armênias, foi obrigado a unir-se aos francos contra os mamelucos, que conquistaram novamente Aias (1347) e as cidades de Adana e Tarso.

Os barões armênios na expectativa de salvar o seu reino dos mamelucos buscaram um príncipe cipriota, Leão VI de Lusignan. Desejavam, com isto, provocar uma nova cruzada no Ocidente Cristão, o que não ocorreu. Em 1375, Sis, capital do Reino Cristão Armênio da Cilícia foi conquistada pelos mamelucos. O soberano permaneceu preso durante sete anos no Egito e, quando libertado rumou para a Europa, morreu em Paris, em 1393.

No reinado da dinastia Lusignan o afrancesamento da Cilícia fez-se notar nas instituições do Estado. O soberano armênio (*tagavor*), coroado pelo legado latino, colocou-a entre as monarquias latinas. Assim, a corte de Sis copiava as cortes francas dos Estados Latinos de Antioquia de São João de Acre. As *Audiências de Antioquia* foram traduzidas para o armênio pelo *condestável* Sembat (aproximadamente 1254-1165). No *cartulário real*, os atos oficiais foram transcritos em armênio, latim ou francês. Na realeza, os nobres feudais armênios (*nakharark'*) moldaram-se ao estilo franco e foram comparados aos barões. O termo *baron* passou a designar senhor até os nossos dias. Introduziu-se na corte de Sis a cavalaria ocidental com os seus respectivos valores. Os casamentos mistos foram comuns entre a casa real armênia e as dinastias francas de Jerusalém, de Antioquia-Trípoli e de Chipre (BOURNOUTIAN, 2003, p. 104).

Pode-se afirmar que a influência latina também foi notável, pois as obras eram redigidas, desde o século XIII até a primeira metade do século XVIII, com características da língua e sintaxes latinas. Sua influência se faz notar até nos textos

⁴ A Igreja Católica Apostólica Armênia surgiu no primeiro século do Cristianismo. Segundo a tradição, os apóstolos São Bartolomeu e São Tadeu lá pregaram o evangelho. Coube a São Gregório, o Iluminador, ordenado bispo em Cesaréia da Capadócia, a conversão do rei Tiriades e a organização eclesiástica. Foi o primeiro Estado a adotar o Cristianismo como religião oficial. A Igreja Armênia, não comparecendo ao concílio de Calcedônia (451), não o reconhece, bem como os posteriores concílios. Portanto, reconhece o concílio de Nicéia (325) contra o Ário, que negava a Divindade de Cristo; concílio de Constantinopla (381), que estabeleceu a Igualdade do Espírito Santo ao Padre e ao Filho, condenando Macedônio, que negava a Divindade do Espírito Santo, e o concílio de Éfeso (431), que condenava Nestório, que negava as duas naturezas de Cristo, a Humana e a Divina. A consequência imediata do Concílio de Calcedônia (451) foi à divisão da Cristandade: as chamadas Igrejas Calcedonianas, constituídas pela Igreja Latina e Grega, e as não Calcedonianas, constituídas pelos Coptas, Sírios, Armênios, Abissínios, Indianos do Malabar. (KHAZINEDJIAN, 1979, p.28,31; ORMANIAN, 2003, p.62-3-).

oficiais, dentre os quais citamos os tratados e as atas diplomáticas entre o Ocidente e o Oriente, bem como as atas e privilégios comerciais outorgados por Leão II aos genoveses (1288) e pelo rei Oschin aos mercadores de Montpellier (1314), bem como a confirmação deste privilégio por Leão IV (1321) e o crisóbolo deste soberano, outorgando privilégios aos sicilianos (1331).

Encontram-se numerosos termos latinos e franceses, tais como: *sikeh*, transcrição do latim *sigillum*, no sentido de decreto, privilégio; *cumin* transcrição de *comminis*; *vicair*, transcrição de *vicarius*; *printz*, *príncipe*; *emprur*, imperador; *samor*, transcrição de *sensarius*; *kuntz*, transcrição da palavra cônsul; *purdjies*, transcrição do termo burguês; *vul* em latim *bullae*, selo ou bula, etc. Foram armenizados vários termos latinos de maneira monstruosa, como exemplo, o verbo latino *ledere* (prejudicar) formou o verbo armênio *leden*, no lugar de *vnasem*. Estas palavras perderam terreno assim que desapareceu o movimento unitário, de motivação religiosa, que desejava unir a Igreja de Roma com a Igreja Armênia. Deve-se aos *Irmãos Unidos*, membros do movimento unitário, numerosas traduções de obras latinas e teológicas para o armênio, particularmente as traduzidas entre 1329 e 1354 por Bartolomeu de Bolonha, Pedro de Aragão, Hovhannes Krnetsi, Hagop Vardapet, Nersés Paghon e Mejitar Aparanetsi. Muitos manuscritos foram perdidos, entretanto, outros chegaram até nossos dias. Entre eles pode-se citar: *Do Mistério da Igreja e Contra os Pagãos*, de Tomás de Aquino; *Teologia*, de Alberto Magno; *Missal Latino* e outras obras (THOROSSIAN, 1959, p. 184-87).

O apego dos armênios à sua Igreja Nacional foi o grande obstáculo para uma união e colaboração entre armênios e latinos, pois, entre os primeiros, parte da população apegava-se à Igreja Nacional e às suas tradições, não desejando qualquer intercâmbio com os últimos, que já se fazia notar em relação aos bizantinos. Entretanto, havia um partido mais pragmático e menos intransigente que, embora aceitasse as influências ocidentais, não olvidava a sua cultura nacional. Os armênios, não comparecendo ao concílio de Calcedônia (451), foram considerados monofisitas⁵, juntamente com outras Igrejas Orientais. Entretanto, encontram-se partidários da união com Roma, entre os quais se pode mencionar o patriarca Nersés IV Chnorali (1166-1173), que foi um dos maiores escritores de seu tempo, juntamente com o bispo Nersés de Lambrom, este morto em 1198. Entre os membros da família real armênia Hetun, o monge *Hayton*, falecido em 1314, adotou o credo romano e escreveu em língua francesa a obra *Flor des estoires de la terre d'Orient* (GROUSSET, 1965, p. 91, ORMANIAN, 2003, p. 93-4).

⁵ Monofisitas, partidários de Eutiques ou Eutiches, pregavam a existência de uma só natureza em Jesus Cristo. A doutrina foi condenada no Concílio de Éfeso (431).

O soberano Levon II (1187-1219) foi um dos mais notáveis de sua época, pois empreendeu reformas em seu reino, aproximando-se dos príncipes latinos. Empreendeu a construção de vias ligando as diferentes partes do país; a agricultura, em particular, teve grande desenvolvimento devido, sobretudo, ao camponês armênio, que desfrutava na Cilícia de liberdade muito maior que dos antigos residentes autóctones. Este grau de liberdade, provavelmente, e o espírito empreendedor seja uma das causas do desenvolvimento agrícola. Produzia-se trigo, algodão, vinho, lã em abundância, explorava-se as minas de ferro do Taurus, manufatura de tecidos, que eram exportados pelo porto de Aias ou Ajas. As belas moedas cunhadas pelos reis armênios comprovam a riqueza da Cilícia e seu comércio com o exterior (SAPSEZIAN, 1988, p. 55).

A importância econômica da Cilícia foi enorme para o Ocidente, quer para os Cruzados quer para os mercadores, particularmente, os italianos. O porto de Aias ou Lajazo era um dos principais do comércio asiático. Os genoveses fundaram feitorias desde 1201. A tomada de Antioquia (1268) e São João de Acre (1291) pelos mamelucos tornou Aias o único grande porto cristão continental. Foi neste porto, aliás, o grande rival de Alexandria do Egito e em poder dos mamelucos, que as frotas genovesas e italianas carregavam suas naus com as especiarias, tecidos de algodão, sedas e pedras preciosas procedentes do mundo islâmico da China e do Extremo Oriente. A destruição do Reino da Cilícia e, conseqüentemente, do porto de Aias, tornou a Alexandria um centro comercial ímpar no Oriente e dentro da economia islâmica, passando, portanto, a ter o monopólio comercial do Levante (GROUSSET, 1965, p. 91).

Os três séculos de existência do Reino Cristão Armênio da Cilícia (1080-1375) foi de grande importância para os Estados Latino do Oriente, fundados pelos Cruzados. Os armênios facilitaram enormemente o êxito das primeiras Cruzadas, pois a Cilícia era o caminho natural para Jerusalém e outras cidades do Oriente. O papa Gregório XIII expressou seus agradecimentos nas seguintes palavras:

Entre os outros méritos da nação armênia, com relação à Igreja e à República Cristã, há um que é eminente e digno de especial memória: quando outrora, os príncipes e os exércitos cristãos iam recuperar a Terra Santa, nenhuma nação e nenhum povo mais prontamente e com maior zelo do que os armênios lhe prestou seu auxílio em homens, em cavalos, em alimentos, em conselhos; com todas as suas forças, com bravura e fidelidade, ajudaram os cristãos em suas santas guerras⁶.

Os armênios conheceram o Ocidente, não apenas o Ocidente Bizantino, mas também o Ocidente dos Francos, sua cultura e a nobreza de sua cavalaria. (ALEM, 1961, p. 38).

⁶ ALEM, Jean-Pierre. *A Armênia*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961, p. 38.

Os genoveses estabeleceram feitorias no porto de Aias ou Lajaro desde 1201. A queda de Antioquia da Síria (1268) e de São João de Acre (1291) aumentou o seu movimento, pois se tornou o único grande mercado cristão no continente. O comércio marítimo era um dos mais ativos: os navios tornaram-se mais numerosos, empregavam-se de preferência a vela latina nas frotas militares e para certos serviços comerciais, entretanto, as antigas galeras continuavam em atividade. Com as Cruzadas deu-se a construção de navios para transportar homens, cavalos e provisões. Posteriormente, para os peregrinos que se destinavam aos Santos Lugares, portanto, tornou-se necessário assegurar as trocas entre o Oriente e o Ocidente.

A via marítima tornou-se a mais rápida comunicação entre a Cristandade do Ocidente e do Oriente, quase que monopólio das Repúblicas de Gênova e Veneza. Transportava não apenas mercadorias, peregrinos, porém, Cruzados para as guerras do Oriente. Felipe Augusto realizou a terceira Cruzada sobre navios genoveses e São Luís (1248) partiu com uma frota de 1.800 barcos a vela ou a remo de todos os tamanhos, capitaneadas por Gênova e Veneza.

Aumentou-se o número de passageiros e surgiram verdadeiras companhias de navegação que faziam concorrência entre si. Os armadores, para facilitar as viagens, inventaram os bilhetes coletivos para reduzir as tarifas.

Os mercadores venezianos, genoveses e marselheses rivalizavam-se entre si não apenas nas tarifas, como também na velocidade da viagem e na segurança de seus navios. (THOMAZI, 1947, p. 34-7).

A luta dos mamelucos do Egito não era apenas para retomar a cidade santa de Jerusalém, portanto, uma cruzada islâmica. Havia o interesse de destruir o Reino da Cilícia e com ele o porto de Aias, que mantinha o monopólio do comércio com o Levante. A sua destruição recolocaria o porto de Alexandria do Egito como o principal entreposto entre o Levante e o Oriente.

O Reino Cristão Armênio da Cilícia, surgido na época das Cruzadas, foi também de grande importância para a existência dos Estados Latinos do Oriente: Reino de Jerusalém, Condado de Trípoli, Principado de Antioquia e Condado de Edessa.

O surgimento dos Estados Francos e o Reino Armênio Cristão da Cilícia e a sua existência muito dependiam das frotas da Cristandade Ocidental, particularmente de Veneza e Gênova. Após a primeira Cruzada, o transporte de massa de homens que seguiam para o Levante, em especial para Jerusalém, passaram a depender das frotas. Venezianos, genoveses, pisanos e provençais passaram a armar frotas em direção à Síria Cristã. O comércio tornou-se regular e sem ele os francos não poderiam subsistir no Levante. A necessidade destas frotas foi responsável pelos

privilégios concedidos às cidades italianas, provençais e catalãs; os *fondacos* foram estabelecidos, pois as frotas tornaram-se imprescindíveis. Os navios italianos, na segunda Cruzada, transportaram as tropas de Luís VII e Conrado III; as tropas da terceira cruzada, chefiadas por Ricardo Coração de Leão e Filipe Augusto foram levadas por barcos italianos e provençais ao Levante. Foram os venezianos que, desviando com seus navios, fundaram o Reino Latino de Constantinopla. Os bizantinos retornaram ao poder com o auxílio dos genoveses. Portanto, as cidades italianas passaram a ter a supremacia econômica no Levante (PIRENNE, 1963, p.37-8).

5 O Reino Latino de Jerusalém

Os cruzados após tomarem Nicéia, iniciaram a sua marcha em direção a Jerusalém. Nesta jornada entraram no Reino Cristão Armênio da Cilícia, onde receberam auxílio dos armênios na luta contra os turcos. Prosseguindo sua marcha, atingiram à Antioquia da Síria, praça em poder de um emir turco, vassalo dos seldjúcidas (20-X-1097) e sitiaram-na por sete meses. O rei seldjúcida de Alepo tentou libertar a cidade, entretanto, falhou em seu intento. Antioquia, finalmente, foi tomada graças aos esforços do príncipe ítalo-normando Boemundo. As tropas enviadas pelo sultão seldjúcida da Pérsia chegaram atrasadas e foram vencidas por Boemundo. Responsável pelo êxito militar, fez-se reconhecer como Príncipe de Antioquia, nascendo assim o Principado de Antioquia. A tomada de Antioquia contou com o auxílio de uma esquadra enviada por Gênova, que levava aos cruzados víveres e reforço. Boemundo de Tarento concedeu, em 1098, um *fondaco* provido de privilégios comerciais; a seguir, conseguiram outros privilégios nos portos mediterrâneos da Terra Santa e São João d’Acre. Piza dedicou-se a abastecer os Estados Francos que surgiram na Síria. Com o movimento comercial com o Levante, iniciado nas cidades italianas, chegou a atingir a Provence. Marselha (1136) ocupava, na costa marítima, lugar de destaque, tendo fundado estabelecimento em São João d’Acre (PIRENNE, 1963, p. 36). Entre os capitalistas da época que se enriqueceram com o comércio do Levante, pode-se citar Jacques Coeur, mercador de Bourges, que chegou a ser tesoureiro do rei Carlos VII, um ilustre representante da categoria dos novos ricos (SEIGNOBOS, 1945, p. 220).

Outro chefe cruzado, Balduíno de Bolonha, irmão de Godofredo de Bulhão, fundou o condado de Edessa, antiga Urfa ou Urha. Foi convocado pelo príncipe armênio de Edessa, Thoros, para ajudá-lo na luta contra os turcos. Num motim contra Thoros, Balduíno deixou-o morrer e colocou-se em seu lugar, nascendo assim, o Condado de Edessa.

Os barões cruzados procuravam fundar um feudo em território sírio do norte que como Boemundo e Balduíno, não mais se preocuparam em libertar Jerusalém.

Entretanto, devido às pressões de peregrinos, em janeiro de 1099, rumaram para conquistar Jerusalém, que depois de muitas dificuldades caiu em suas mãos, em 26 de agosto de 1099, quando foram massacrados habitantes muçulmanos e judeus (BOURNOURTIAN, 2003, p. 100) O que facilitou a conquista da cidade, além do ardor religioso e da valentia dos guerreiros, foi à discórdia entre xiitas e sunitas (SOURDEL, 1949, P.28).

Godofredo de Bulhão, por modéstia, aceitou apenas o título de *procurador* do Santo Sepulcro. Após a tomada de Jerusalém, apenas algumas centenas de cavaleiros permaneceram com Godofredo de Bulhões. Entretanto, devido às lutas intestinas entre os muçulmanos, tornou possível a existência do Reino de Jerusalém. A Cruzada que lançara sobre a Ásia centenas de milhares de homens desmobilizou-se muito cedo e prejudicou a ocupação efetiva da conquista, valendo-se do recrutamento nos momentos difíceis. Godofredo de Bulhões, porém, aumentou o território com novas conquistas, falecendo em 1100, deixando pendente ao seu sucessor o conflito com o patriarca latino de Jerusalém, Daímerto de Piza, que desejava a posse da Cidade Santa para a Igreja. Foi sucedido por seu irmão Balduíno de Bolonha, futuro Balduíno I, que abdicou o condado de Edessa e foi coroado rei de Jerusalém.

Balduíno I desejou impressionar seus súditos com uma realeza semelhante às monarquias orientais, uma espécie de *sultão cristão*. Nas lutas para promover expansão territorial contou com o auxílio das esquadras genovesa e veneziana, restando apenas Ascalon e Tiro aos muçulmanos. Estendeu seus domínios até o mar Vermelho, separando o mundo islâmico africano do asiático. Em 1176, seu vassalo Reinaldo de Châtillon dirigiu audaciosas campanhas contra cidades muçulmanas ao sul da Palestina. No ano de 1182, lançou ao mar Vermelho naus fabricadas no porto de Ascalon, no mar Mediterrâneo, que foram transportadas desmontadas através do deserto. Era uma expedição de pilhagem que teria atingido Adén e atacou peregrinos muçulmanos e ameaçou mesmo Meca (HERRS, 1974, p. 164). Os francos formavam apenas o quadro dirigente e para povoar a terra; devido ao êxodo da população muçulmana, mandou vir os cristãos orientais, de rito grego ou sírio, desejosos de receber terras, e assegurou o futuro comercial e agrícola do seu reino.

Os Estados Cristãos do Oriente beneficiavam-se das lutas internas entre muçulmanos, porém, a reação desses não se fez esperar a partir do *atabeg* Mossul, Zengi (1128-1146) e de seu filho Nur-ad-Din (1146-1174) com a unificação da Síria Muçulmana e a posterior queda de Edessa, onde a população armênia foi massacrada. Esta reação foi responsável pelo surgimento da segunda Cruzada pregada por São Bernardo (1146) e chefiada por Conrado III e Luís VII. As divergências entre os muçulmanos da Síria e do Egito cessaram com a deposição

da dinastia Fatímida do Egito e o surgimento de um novo líder Saladino. Portanto, o reino de Jerusalém estava agora cercado por líderes muçulmanos desejosos de reconquistar a cidade santa e o território conquistado pelos cristãos. Após lutas ferrenhas, em 2 de outubro de 1187 caía Jerusalém ao poder de Saladino, que permitiu à população cristã da cidade retirar-se para o litoral e não demoliu o Santo Sepulcro, restando do reino apenas a cidade de Tiro. Nesta expansão os muçulmanos conquistaram quase todo o Condado de Trípoli, restando às cidades de Trípoli, Tortosa e o Crac dos Cavaleiros; do principado de Antioquia, apenas a cidade de Antioquia e o castelo de Marcab (GROUSSET, 1965, p.53). A e a situação desesperadora dos estados cristãos ocasionaram o surgimento da terceira Cruzada, chefiadas por Frederico Barbarroxa, imperador alemão, Felipe Augusto, rei de França e Ricardo Coração de Leão, rei da Inglaterra (BOURNOUTIAN, 2003, p. 102-3). Sua queda deu origem ao poema *Elegia a queda de Jerusalém*, composto pelo catolicós Gregório Dgha, segundo o modelo de seu irmão Nersés, o Benigno. Neste poema ambos predizem que os francos um dia voltarão para salvar os cristãos, entretanto, é poeticamente menos perfeita (NERSESSIAN, 1973, p. 92).

6 O Principado de Edessa

O Principado de Edessa, antiga Urfa ou Uhra dos sírios, foi grande centro difusor do Cristianismo desde a Antigüidade; nela floresceu a *Escola de Edessa*, centro siríaco de cultura e difusão cristã. O Cristianismo do Oriente foi muito influenciado pela Escola de Edessa e dentre seus membros destacou-se Santo Efrém, o Sírio. Com a expansão muçulmana, Edessa foi tomada pelos turcos, entretanto, não perdeu sua importância para o Cristianismo Oriental, sempre esteve ligada à Igreja Armênia, pois, segundo a tradição, o Cristianismo chegou à Armênia via Edessa.

O Principado de Edessa foi fundado pelo cruzado Balduíno, que durou de 1098 a 1144 e se expandiu até a Alta Mesopotâmia. O príncipe Balduíno apoiou-se na população armênia, que era a dominante, podendo-se afirmar que, durante sua existência, foi um Estado franco-armênio. O príncipe Balduíno desposou uma armênia, Arda, dando início a uma série de casamentos entre as duas etnias.

O *atabeg* de Mossul, Zenzi, apoderou-se de Edessa em 1144. Com sua morte, o antigo conde de Edessa, Jocelin II, conseguiu, com auxílio dos armênios, governar em Edessa (1146). Entretanto, o sucessor de Zenzi, Nur-a-Dim, veio em socorro dos seus e definitivamente Edessa tornou-se uma cidade de domínio turco (1146). O conde Jocelin II conseguiu escapar, no entanto, a população foi massacrada ou obrigada a emigrar e devido à sua lealdade aos francos, houve verdadeira *turquização* com a colônia armênia.

A tomada de Edessa pelos turcos deu origem ao poema *A Elegia sobre a queda de Edessa* (1146) em 1167, composta por Nersés Shnorhali (1102-1173), para deplorar a destruição de uma das mais poderosas cidades cristãs da Ásia Ocidental pelo *atabeg* de Mossul. A elegia descreve o assédio e a queda da cidade, o massacre de sua população, sua antiga prosperidade e a atual miséria, a crueldade dos invasores muçulmanos e maldizem sua crueldade. Termina profetizando a chegada dos francos para libertar os povos da Ásia (THOROSSIAN, 1959, pág. 127).

7 O Principado de Antioquia

A primeira Cruzada, em seu caminho para Jerusalém, libertou Antioquia, pertencente a um emir turco, vassalo dos seldjúcidas. Os Cruzados a sitiaram por sete meses, o rei seldjúcida de Alepo, Ridwan, tentou libertá-la, porém, foi derrotado. Os francos tomaram-na graças ao esforço do príncipe ítalo-franco Boemundo, que apesar da oposição, conseguiu que o reconhecesse como Príncipe de Antioquia. O principado de Antioquia existiu de 1098 a 12688. Um acordo entre os cruzados e Bizâncio estabelecia que as cidades bizantinas em poder dos turcos seriam entregues à autoridade imperial. Entretanto, Boemundo e seus sucessores não o observaram, ocorrendo assim protestos de Bizâncio, uma questão nunca esquecida pelos imperiais. Em 1137 houve uma ameaça bizantina para que Antioquia reconhecesse sua soberania e simultaneamente houve o avanço muçulmano chefiado por Zenzi, governador de Mossul e Alepo. Este aprisionou o rei Folco de Jerusalém e o conde Raimundo II de Trípoli (1137) na batalha de Montferrand, atual Ba'rim. Imad-ad-Din Zenzi (1144); atacou o principado de Antioquia cuja guarnição; constituída por sírios e armênios, e comandada pelos cruzados; foi vencida. Diante do perigo, pessoas influentes dirigiram-se à Cristandade Oriental em busca de auxílio. Um dos mensageiros era o bispo Hugo de Jabala, de origem francesa, que se apresentou ao papa Eugênio III, em Viterbo (1145). Na audiência, mostrou-lhe a dificuldade dos cristãos da Igreja da Síria devido à invasão muçulmana e, pela primeira, vez há referência ao Preste João das Índias (MAURÍCIO, 1960, p. 222). Diante do avanço do exército bizantino, Raimundo de Poitiers rendeu vassalagem à Bizâncio. Zenzi, diante do exército imperial bizantino, temendo uma união com os francos, libertou os prisioneiros. O reconhecimento da suserania bizantina por Raimundo de Poitiers contentou ao imperador João Comeno, que o auxiliou a tomar outras praças ocupadas por Zenzi. O interesse bizantino prendia-se também no campo econômico, pois Antioquia era ponto de chegada das caravanas oriundas da Mesopotâmia e Pérsia, que enriqueciam o tesouro imperial.

Zenzi pretendeu anexar o reino muçulmano de Damasco, que em sua luta contou com o auxílio do rei Folco, vencendo ao invasor. Entre o reino de Damasco e de Jerusalém houve um *status quo* bastante lúcido e, simultaneamente, uma

reaproximação com Bizâncio. Com uma política muçulmana compreensiva, exigida pela aliança damascena, estabeleceu-se uma intimidade entre barões francos e emires damascenos, predominando espírito de tolerância religiosa e amizade entre o emir Usama ibn Munqid com os Templários (GROUSSET, 1965 p. 32, 44-5).

Nas intensas lutas entre mongóis, muçulmanos e francos, quer religiosas, quer dinásticas, quer por interesses pessoais, encontram-se alianças conforme os mais diferentes interesses, desde crentes sinceros em sua fé a outros interesses mais materiais e mais diversos. Nestas lutas infundáveis na segunda metade do século XIII (1260), os mongóis da Pérsia conquistaram a Síria muçulmana dos herdeiros de Saladino, sultão do Egito. Entre os generais mongóis encontram-se o cristão nestoriano Kitbuca. O rei da Armênia da Cilícia Hetum, o Grande, uniu-se aos mongóis contra os turcos, no que foi seguido pelo seu genro, o príncipe de Antioquia-Trípoli, Boemundo VI. Os mongóis, ao vencerem os muçulmanos da Síria, fizeram o jogo os francos, porém, alguns barões francos temiam a selvageria dos mongóis. A neutralidade posterior dos francos favoreceu aos mamelucos do Egito contra os mongóis da Síria. Portanto, tornaram-se senhores da Síria como já o eram do Egito. O sultão mameluco do Egito dominava desde a fronteira da Núbia até o Eufrates, com uma monarquia militar em contraposição à anarquia muçulmana. Doravante surgiu uma força inexpugnável contra a então anarquia franca, que já se delineava entre os diferentes interesses dos Estados Francos e o Reino Cristão Armênio da Cilícia. Os mamelucos passaram a ser chefiados por um grande militar, o sultão Baibars. Tomou como objetivo expulsar os francos para o mar e em suas vitórias consecutivas, tomou Antioquia em maio de 1268.

8 O Condado de Trípoli

Na primeira Cruzada, o exército cristão passou pelas portas de Trípoli, porém, não a conquistaram aos muçulmanos, pois o objetivo principal era tomar a cidade santa de Jerusalém. O conde de Tolosa, Raimundo de Saint Gilles, que se opôs à aclamação de Boemundo como príncipe de Antioquia, andou por todo o Levante. Lançou, finalmente, sua cobiça sobre a costa libanesa, então protetorado egípcio, governado pela dinastia árabe dos Banu-Ammar, emires de Trípoli (atual al Mina), antiga cidade marítima e de difícil conquista. Entretanto, não a conquistou, pois faleceu em 1105. O bloqueio continuou sobre as ordens de seu primo, Guilherme Jordão (1105-1109), que se apoderou de Trípoli, a Gibraltar Sírio, que resistiu por cinco anos. Foi auxiliado pelo rei de Jerusalém Balduino I e por uma esquadra genovesa. A reunião de todas as forças francas resultou na queda da cidade em 12 de julho de 1109, surgindo assim o Condado de Trípoli, cujo primeiro conde foi Bertrando. Este condado duraria de 1109 a 1289, sendo um Estado essencialmente marítimo, o local de defesa para os latinos, que, por sua vez, eram os senhores do mar, graças ao auxílio das esquadras venezianas e genovesas. Estes quatro

Estados Latinos constituíam a chamada Síria Franca (GROUSSET, 1965, p.32, 37,39).

O Egito passou a ser governado por Çalah-ad-Din (BOURNOUTIAN, 2003, p. 102-3), ao lado do califa fatimída, que, em 1171, passou a governar diretamente e iniciou uma cruzada muçulmana contra os cristãos da Síria Franca. No condado de Trípoli escaparam à sua reconquista Trípoli, Tortosa e o *Crac* (fortaleza) dos Cavaleiros (GROUSSET, 1965, p.53). As disputas políticas entre o conde Boemundo VII com o seu vassalo Guy II de Giblest enfraqueciam a resistência. A morte de Boemundo VII (1287) não cessou a disputa política, pois os latinos de Trípoli, inspirados pelos partidários da casa de Giblest, de origem genovesa, constituíram uma comuna livre sob o protetorado de Gênova. O sultão Calauim, aproveitando as discórdias entre os cristãos e o enfraquecimento do condado, apoderou-se de Trípoli (28-IV-1289) e a população cristã foi massacrada (GROUSSET, 1965, p.66).

9 Conclusões

Os Estados Latinos que conseguiam deter o avanço dos seldjúcidas desapareceram diante do avanço dos mamelucos do Egito, restando apenas o Reino Cristão Armênio da Cilícia, que se aproximou do Ocidente desde os tempos das primeiras Cruzadas. Com o colapso de *Outremer* restou aos cristãos apenas a Cilícia e ficava aberto o caminho para os exércitos mamelucos. Estes, finalmente, tomaram o porto de Ayas (Lajazzo) que, em sua importância comercial rivalizava com os portos da Síria e do Egito, particularmente, Alexandria. O porto de Ayas foi destruído parcialmente em 1322, com novo ataque dos mamelucos em 1337, que, desta vez, exigiram que as fortificações fossem arrasadas e que ficasse o porto à sua mercê (NERSESSIAN, 1973, p. 52). A dinastia Lusignan, começando a reinar na Cilícia (1341), diante do perigo dos mamelucos, obrigou Guy de Lusignan a apelar auxílio ao papa Clemente VI. Com sua morte, subiu ao poder o partido tradicionalista, com sua política contrária a Roma. A desorganização era grande, as finanças péssimas. Com a conivência do partido anticatólico, os mamelucos penetraram em Sis, cuja cidadela se rendeu em abril de 1375. Portanto, a Cristandade perdia seu último reduto a Cilícia, desaparecia a Nova Armênia, porém, a população armênia lá existente permaneceu com sua fé e sua cultura milenar.

O Cruzadismo pode ser considerado como a primeira expansão do Ocidente, inicialmente, pelo seu ardor religioso, entretanto, outros fatores, posteriormente, foram agregados a esta expansão. Expansão apoiada pelas repúblicas marítimas mercantis italianas, que ajudaram na construção dos Estados Latinos e Armênio da Cilícia. Coube a elas o intercâmbio mercantil, o transporte de peregrinos e soldados, e por que não dizer, o intercâmbio cultural entre a Cristandade Ocidental

e o Oriente, quer cristão quer muçulmano. Porém, nada restou desta expansão ocidental, pois o Islã ou o Helenismo recuperam o que haviam perdido, portanto, desaparecendo a civilização franca do Oriente. Pode-se assinalar como elementos que ocasionaram esta realidade, a oligantropia franca, o vício das instituições feudais, a anarquia feudal que paralisava o Estado, as lutas fratricidas entre latinos; ela foi destruída pelos seus próprios defensores, pelos seus próprios defensores, por seus beneficiários. Resultou finalmente na invasão dos asiáticos em direção à Europa: em 1453 os turcos tomam Constantinopla, e em 1529 estavam às portas de Viena d'Áustria (GROUSSET, 1965, p.94-5).

O fim do Estado da Cilícia não ocasionou o desaparecimento do povo armênio, que lá permaneceu durante séculos, com seus valores culturais, cuja preservação no início do século XX deu origem ao *genocídio armênio*.

O desaparecimento dos Estados Cristãos do Levante não acarretou o ocaso do comércio das cidades mediterrâneas, pois elas já haviam conquistado a sua primazia; os turcos não possuíam frotas e necessitavam do comércio do Mediterrâneo que os beneficiavam. Os produtos oriundos da China e Índia, cujas caravanas percorriam seu território, recolhiam grandes tributos e eram as frotas das cidades européias mediterrâneas as responsáveis, em grande parte, pela atividade comercial, que era desempenhada por mercadores armênios, que embora cristãos, comerciavam com todas as etnias das mais diferentes religiões. As Cruzadas e o Reino da Cilícia foram responsáveis pela retomada do comércio cristão no Mediterrâneo que o monopolizava com o Oriente, monopólio que terminou no final do século XV, com a expansão marítima portuguesa. Os portugueses foram recebidos pelos *cristãos de São Tomé*, uma das Igrejas Orientais, como os *franques*, cujo rei se chamava *Emanuel*. Portanto, a lenda da bravura dos francos e seu retorno ao Oriente para ajudar aos cristãos, constante da literatura armênia, ainda estava viva na Cristandade Oriental e os portugueses a buscarem o Preste João das Índias para formar uma aliança anti-islâmica.

Referências

- ALÉM, Jean-Pierre. *A Armênia*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.
- ARTZROUNI, Ashot. *História do povo armênio*. São Paulo: Comunidade da Igreja Católica Apostólica Armênia do Brasil, 1976.
- ALZOG, João. *Historia Universal da Igreja v.I*. Porto: Ernesto Chardron, 1882.
- BOURNOUTUIAN, George A. *Historia sucinta del pueblo armênio*. Buenos Aires, Unión General Armenia de Beneficencia de Buenos Aires. 2003.

FUNK, F.X. *Compendio de Historia Ecclesiastica*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, editor, 1924.

GROUSSET, R. *As Cruzadas*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

HERRS, Jacques. *História Medieval*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

KHAZINEDJIAN, Albert. *A Igreja Apostólica Armênia imagem moderna e viva da Igreja primitiva*. São Paulo: Igreja Apostólica Armênia, 1979.

MAURÍCIO, Domingos. *A “Carta do Preste João” das Índias*. In Brotéria. Lisboa, agosto-setembro de 1960.

NERSESSIAN, Sirapie Der. *Os Armênios*. Lisboa: Editorial Verbo, 1973.

ORIENTE CATTOLICO, Cenni storici e statische. Città del Vaticano: Sacra Congregacio per la Chiesa Orientale, 1962

ORMAMIAN, Malaquias. *A Igreja dos Armênios*. São Paulo, Diocese da Igreja Apostólica Armênia do Brasil, 2003.

PIRENNE, Henri. *História econômica e social da Idade Média*. São Paulo: Mestre Jou, 1963.

SAPSEZIAN, Aharon. *História da Armênia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SEIGNOBOS, Charles. *História Sincera da França*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

SOURDEL, Dominique. *L'Islam*. Paris: Presses Universitaires de France, 1949.

THOMAZI, A. *Histoire de la Navigation*. Paris: Presses Universitaires de France, 1947.

THOROSSIAN, H. *Historia de la Literatura Armenia*. Buenos Aires: Ediciones Organización Juvenil de la Iglesia Armênia, 1959.

